

NATHALIA FERREIRA



PARA SEMPRE,

ELAS

**A HISTÓRIA DA VIDA
DE MULHERES VÍTIMAS
DE FEMINIÇÃO**

NATHALIA FERREIRA

PARA SEMPRE,
ELAS

A HISTÓRIA DA VIDA
DE MULHERES VÍTIMAS
DE FEMINIÍDIO

Todos os direitos desta publicação estão reservados a:

NATHÁLIA GONÇALVES FERREIRA
Vitória, Espírito Santo
E-mail: gfhali@gmail.com

2021

© Nathália Ferreira

Capa e projeto gráfico

Lannder cunha de freitas

Diagramação

Lannder Cunha de Freitas

Revisão de copidesque

Alfredo Evangelista

Orientação

Valmir Matiazzi

DEDICO ESTE LIVRO A TODAS AS MULHERES. AS DO PASSADO, AS DO PRESENTE E AS DO FUTURO.

Este livro também é dedicado às mulheres que perderam as suas vidas por conta do feminicídio. Especialmente, às oito mulheres que estão presentes nestas páginas. Acometidas por um crime de ódio, se foram. Mas todas deixaram marcas nos familiares e amigos que aqui ficaram. Legados que serão lembrados para sempre.

Por outro lado, dedico esta obra também àquelas que, por pouco, não viraram estatísticas de feminicídio. Contudo, foram vítimas da arrogância e prepotência de homens que acham que têm domínio sobre as nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Este livro é para nós, mulheres. Para nós que desejamos ser, acima de tudo, respeitadas.

A Deus, por me sustentar ao longo de todo o processo na produção deste trabalho.

A mim, que com tantas adversidades que suportei, me reinventei, me redescobri e sobrevivi.

Aos meus pais, Marinete e Nazareno, por não medirem esforços para mim.

À minha família, pela torcida incondicional em toda a minha vida.

Ao curso de Jornalismo, que me transformou. Em especial, meu orientador, Valmir Matiazzi, pela amizade e por tanta ajuda nesse processo. Estendo os agradecimentos à professora, Emília Manente, que é um exemplo.

Às famílias das mulheres presentes neste livro, pelo tempo concedido para contarem sobre a vida delas.

Aos amigos de dentro e fora da faculdade, pelo incentivo, pelo apoio e pelas palavras reconfortantes que nunca faltaram.

Ao Lannder, por toda atenção e talento ao diagramar esta obra.

PRÓLOGO

Desde que me entendo por gente, a comunicação sempre foi a minha essência - nas festas da escola, nas celebrações em família, nos eventos entre amigos, no cotidiano. Comunicar é, indiscutivelmente, a minha natureza e a minha personalidade.

Nos escritos, derramo as minhas paixões, os meus pensamentos e os meus sentimentos. Sempre acreditei no potencial de escrever, informal ou formalmente. Nos dias tristes, em um caderno preto, redigia minhas inseguranças, meus medos, minhas solidões e minhas incertezas. De certa forma, realizar esse ato me trazia conforto e esperança em dias melhores. Nos dias alegres e no mesmo caderno, narrava minhas felicidades, minhas conquistas e meus entusiasmos. Dessa maneira, ajudava a conservar minha autoconfiança e sentir a existência de dias bons.

Não só de escrita se vive uma pessoa comunicadora. Em conversas ‘cara a cara’ é onde minha espontaneidade toma forma. Gestos, expressões e entonações acompanham toda a estrutura do meu comunicar. Esse jeito de me manifestar vem desde a infância. Mas engana-se quem acha que a minha vida inteira foi assim.

É engraçado o quanto relacionamentos podem ser tóxicos e que muitas vezes passam despercebidos aos nossos olhares. Meros detalhes que consideramos algo “fofo” são indícios de abusividade. Eu senti na pele o que é isso. A minha ingenuidade e ausência de conhecimento foram alicerces para a falta de compreensão no que estava diante dos meus olhos.

A menina divertida, espontânea e comunicadora da infância se perdeu em um relacionamento abusivo. Hoje eu me considero

uma sobrevivente, e as marcas do que eu passei serão para sempre. Eu pedi pelo fim de um relacionamento. Eu recebi agressões, torturas e ameaças.

Por longos anos, o sentimento de pesar sobressai a qualquer sensação que me fizesse enxergar que eu era a menor das culpadas. Depressão e ansiedade viraram uma companhia não muito bem-vinda. O álcool e coisas a mais se tornaram minhas parceiras.

Até que procurei ajuda. As idas à psicóloga se tornaram meu refúgio e foi em nossas conversas que compreendi. Compreendi que eu era a vítima de um cara que se sentia no direito de me desrespeitar e de arrancar a minha liberdade. Precisei assimilar a minha história para transformar a minha ferida em esforço.

Hoje, eu quero ser inspiração. Também quero ser Luta. Quero ser por mim e por todas. Eu não sou uma única mulher, sou todas. Dessa forma, acredito que a frase “uma por todas e todas por uma” tenha sentido. Se nós não formos por nós, o que será da gente?

Tenho sede de mudança. Dentre tantos preconceitos, desrespeitos e privações que acometem as mulheres, escolhi falar sobre feminicídio. Se tem algo que eu valorizo é a vida, porque tive que implorar pela minha. Por isso, deixo mais um questionamento: “Quem sou eu para se achar no direito de tirar a vida de outra pessoa? Ainda mais por conta do gênero?”

Desde quando somos propriedade? Desde quando nossa liberdade é extinguida? Desde quando merecemos ser desrespeitadas? Desde quando precisamos morrer por sermos mulheres?

Não foi nem um pouco fácil escrever este trabalho. Fui forte nas entrevistas, mas chorava quando acabavam. Um sentimento de indignação por muitas vezes tomou conta do meu corpo, e também a sensação de medo. Medo por elas, por mim e por tantas outras.

Nas escritas das histórias, precisava de muitas pausas, como já sabia o desfecho, a dor de uma vida incrível sendo perdida me deixa angustiada.

Quero que o “Para Sempre: Elas” seja o primeiro de muitos e seja sinônimo desta batalha. Em cada letra deste projeto foram depositados amor e esperança. Para isso, livre sua mente de julgamentos e abra seu coração para conhecê-las.

Maria Madalena, Shirley, Vivian, Luana, Jaciara, Raíssa, Laura e Irlane, nós nunca vamos ter a oportunidade de nos conhecermos em vida e isso me entristece. Vocês foram pessoas grandes, cada uma com sua particularidade. Eu sinto tanto por vocês. E, também, por tantas outras que tiveram o mesmo fim e eu não as conheci.

Espero que você aprenda com “Para Sempre, elas” que nós somos mais que meras estatísticas e qualquer sentimento de propriedade oriunda de uma pessoa.

É um livro que marca o início de uma nova era. É a materialização do sonho de uma menina alegre, divertida e comunicativa que se perdeu por um tempo. Mas hoje retornou a todo vapor para lutar por elas.

*“Homens têm medo que as mulheres rião deles.
Mulheres têm medo que os homens as matem.”*

- Margaret Atwood



EM MEMÓRIA DE

MARIA MADALENA	15
SHIRLEY	23
VIVIAN	31
LUANA	39
JACIARA	47
IRLANE	55
LAURA	63
RAISSA	69

PARA AS PRÓXIMAS PÁGINAS: SAIBAM QUE
AQUI **NÃO SOMOS JUÍZES**. NÃO DITAMOS SOBRE
A VIDA DELAS, NO QUE É BOM OU RUIM, SE É
CERTO OU ERRADO. ESTEJAM CIENTES APENAS
DE QUE O RUIM É A MORTE E O ERRADO É SER
POR SEREM MULHERES. **NOSSAS ESCOLHAS NÃO
JUSTIFICAM A NOSSA PARTIDA.**

PARA SEMPRE,

MARIA
MADALENA

Madalena
O meu peito percebeu
Que o mar é uma gota
Comparado ao pranto meu.
(Elis Regina - Madalena)

DEZEMBRO DE 1980, no município de Vitória, no Espírito Santo, nasce Maria Madalena. Nascida e criada em um morro, na capital do Estado, era a mais velha de dez irmãos, sendo que a maior afinidade era com as duas seguintes, pois eram filhas da mesma mãe biológica. Sempre teve o sonho de ser rica e na infância a vontade era de ter uma boneca Barbie. Por conta das condições financeiras, nunca conseguiu ganhar a Barbie.

Quando Maria Madalena tinha 7 anos, o pai se separou da mãe das meninas, e as levou para uma nova casa, no mesmo morro, mas longe da mãe. O pai possuía a guarda das filhas sob justificativa de rejeitar auxiliar financeiramente a mãe na criação das meninas. Além disso, a matriarca passava por sérios problemas de saúde.

Com o divórcio dos pais, as garotas viviam sob a tutela de uma nova mulher e atual esposa do pai. Ela possuía um desgosto pelas meninas que era visivelmente nítido. Na ausência do pai, ao sair para trabalhar, qualquer coisa era motivo para brigar.

Mesmo morando no mesmo morro, as visitas à mãe aconteciam somente uma vez na semana e durante um curto período de tempo. Todo domingo, das 15 às 17 horas, a felicidade tomava conta e preenchia o coração delas, junto de uma sensação de proteção por estarem junto à mãe.

Enquanto Madalena crescia, ficava cada vez mais parecida e com características da mãe. E na adolescência a fisionomia compatível com a mãe foi motivo suficiente para causar ciúmes na

atual parceira do pai, que não perdoava a semelhança. E, ao olhar para a menina e enxergar a mesma aparência, foi um pretexto suficiente para uma agressão. Até que em um ato de sorte, Madalena fugiu e correu para os braços da mãe para, então, começar a viver com ela.

O pai, ao retornar para casa no dia da agressão, ouviu da esposa que a culpada pela briga era a filha mais velha, que tinha um comportamento agressivo. Até que a irmã contou a verdade. O pai, então, foi ver como a filha estava após a surra. O ocorrido somente gerou mais discussões entre o casal e a ausência de Madalena em casa. O respeito acima de tudo foi o motivo pelo qual nunca teve coragem de revidar ou até mesmo se defender dos ataques da atual esposa do pai.

Apesar das maldades da nova cônjuge do pai, a infância das meninas também foi recheada de bons momentos. A criação fornecida pelo pai foi impecável e baseada nos ensinamentos bíblicos.

Quando pequena, Madalena adorava brincar de comidinha. Com farinha e ki-suco fazia até bolos fictícios de aniversário para agradar as irmãs. Além de brincar de cozinhar, adorava fazer arte com barro. No quintal de casa, construía castelos ornamentados com florzinhas, dignos de palácio de princesa. Entretanto, uma dessas construções foi motivo suficiente para briga entre ela e uma das irmãs.

A beleza de Madalena era estonteante desde pequena e colecionava “crushes” na escolinha. Um menino da infância cantava canções na expectativa de conquistar um beijo da amada, e até a mão da Madalena ele pediu com um anel de plástico que vinham nos chicletes antigos. Ela, que não era besta e nem nada, se achava exibindo a aliança de ‘namoro’.

Os estudos foram concluídos até o 5^a ano. Uma vez que o pai exigia que comesçassem a trabalhar desde muito nova. Aos 8 anos, já prestava serviços limpando casas de famílias. Cuidar da piscina, varrer o quintal e fazer o almoço eram algumas das atividades que

exercia nos imóveis. O dinheiro, fruto do trabalho, era todo para o pai e, assim, ajudava nas despesas de casa.

CONSTRUINDO UMA FAMÍLIA

A vontade de sair da situação em que vivia na casa do pai era tão grande que Madalena, aos 15 anos, começou um relacionamento com um rapaz do bairro. Um rapaz trabalhador, esforçado, apaixonado e o amor da vida dela. Logo, começaram um relacionamento.

Com o decorrer dos anos, as irmãs de Madalena conheceram os companheiros e começaram a construir as próprias famílias. Com exceção dela que, apesar de casada, não conseguia realizar o sonho de engravidar. Os comentários do marido sempre culpavam Madalena por não terem filhos. Até que saiu o diagnóstico médico provando a dificuldade vinda dele. Então, começou a fazer um tratamento adequado e, assim, Madalena deu à luz ao filho Izak, em 2005.

Segundo o site nomes bíblicos, o nome Isaque significa: 'ele ri' ou 'risonho'. E, assim como o filho de Abraão e Sara, Isaque era promessa de Deus na vida da Madalena. Antes de saber que o carregava no ventre, teve um sonho com uma mão usando mangas brancas que entregou um bebê em suas mãos e disse: "esse é o meu compromisso com você. Esse é o seu filho Izak".

Na semana seguinte, ao fazer um ultrassom, disse para a médica: "Eu já sei que tenho um filho e é um menino, o nome dele vai ser Izak. Só vim fazer o exame por fazer". E, então, foi confirmado que Izak estava no ventre e já no coração. Cinco anos depois, o amor dobrou e ela teve mais um menino que chegou para completar e preencher a vida de Madalena.

DESRESPEITOS

Madalena é sinônimo de força e movida pela paixão enfrentou situações nas quais nunca imaginaríamos. O cônjuge desapareceu depois de uma tentativa de homicídio a um colega de trabalho e, em

uma busca da polícia pelo companheiro, Madalena foi humilhada. Ela, que estava em casa, saiu com revólver apontado para o rosto, algemas nos pulsos e tendo, ainda, o cabelo puxado com agressividade, ouvia ofensas como: 'puta, vagabunda, piranha'. A hostilidade era para que Madalena revelasse o paradeiro do marido. Por amor, ela nunca contou.

Tempos depois, ele foi apanhado pela polícia. Em menos de dois anos de reclusão, conseguiu sair do presídio para responder em liberdade provisória pela tentativa de homicídio. No retorno à vida em sociedade e, conseqüentemente, à vida de Madalena, começaram as agressões. A sentença para esse crime de tentativa de homicídio saiu sete anos depois do ocorrido. E, somente em uma das torturas à Madalena, em que a polícia foi acionada pela Lei Maria da Penha, o malfeitor foi encontrado e mais uma vez encarcerado para cumprir a reclusão pelo homicídio.

Sem o apoio de ninguém, exceto da família, Madalena quase passou fome. Sob os cuidados e apoio da mãe e das irmãs, conseguiu um emprego para cuidar de um senhor de idade e não deixar nada faltar na mesa para ela e os dois meninos.

COMPORTAMENTO CHIC

O lazer preferido era sol, praia e calor. Como também, ir ao shopping para olhar as vitrines junto com as irmãs. E, mesmo sem um tostão no bolso, passeavam e experimentavam roupas. Com gosto exigente, adorava vestir roupas de grifes, sapatos de marcas, usar cremes acetinados e exalar o cheiro do perfume Lily ou Glamour da "O Boticário".

Bem dondoca. Era exigente até nos hábitos alimentares. Chata para comida, observava bem o aspecto do prato antes de fazer uma refeição. Se não estivesse agradável ao olhar, imediatamente dizia: "hum, quero não" em tom de negação. Além disso, era rígida até para tomar café, que tinha que ser em copo de vidro.

O seu maior desejo era ter uma vida sem preocupações. Não gostava de rotinas domésticas. Uma verdadeira dama. Chamava uma das irmãs de verdadeira Amélia e até de Madre Teresa de Calcutá por ter aptidões em afazeres domésticos. Sob a justificativa: “eu tenho muito orgulho de ter uma irmã como você”.

FERIDAS

Não fazia dois anos da ausência do pai, que o coração de Madalena foi aos pedaços novamente. Em janeiro de 2019, perdeu o alicerce da vida: a mãe. O sofrimento das irmãs era mútuo e o sentimento de tristeza estava presente.

Com a ausência da mãe, ela morava sozinha no bairro da infância. Entretanto, sob ordens da irmã do meio, deixou o local da infância para viver na Serra em uma casa embaixo do lar da irmã. E, assim, encontrar por lá uma oportunidade para mudar de vida.

Em novo lugar, buscou ser ainda melhor. Cuidava dos filhos sozinha e conquistou um emprego na portaria de um condomínio da região. Com o dinheiro que recebia, se tornou ainda mais vaidosa, fez tatuagens e procurou um lugarzinho para ir morar com os filhos perto da casa da irmã, na Serra, e conquistar ainda mais sua independência.

No novo município, estava vivendo uma nova vida. Era mais um dia normal em sua vida, uma quarta-feira, dia 19 de Junho de 2019, ela estava de escala no condomínio. O filho mais velho tinha saído para comprar pão e ela esperava a irmã para juntas saírem para o trabalho.

Ao aparecer na calçada, com a irmã e os sobrinhos, o ex-marido saiu do carro de aplicativo em que estava a esperando. Com o revólver, agarrou Madalena e apontou a arma em seu rosto. A família pedia, implorava e gritava para ele não fazer nada com a ex-mulher, até que ele deu o primeiro disparo em sua cabeça. Maria Madalena caiu aos pés da sua irmã do meio e, não satisfeito, ele disparou mais cinco tiros em seu corpo, fugindo logo em seguida.

SOBREVIVENTES

Duas semanas antes do assassinato, Madalena tinha aceitado Jesus na Igreja. Dois anos depois do feminicídio de Maria Madalena, a irmã que morava no mesmo terreno recebeu uma ligação de uma pessoa procurando pela falecida irmã. Então, ela respondeu: “Maria Madalena tem dois anos que está debaixo do chão”. Após relatar ao atendente, foi informada por ele: “saiu a liberação da medida protetiva que ela solicitou”.

O ex-marido está preso e aguardando o julgamento. Os filhos de Maria Madalena vivem cada um com uma das irmãs.

*“Madalena, Madalena,
você é meu bem-querer.
Eu vou falar pra todo mundo,
vou falar pra todo mundo,
que eu só quero é você!”...*

Para sempre, Madalena.

A entrevista foi realizada na casa da pesquisadora, de forma presencial e a vida de Maria Madalena foi contada pelas duas irmãs.

PARA SEMPRE,
SHIRLEY

EM GUARAPARI, NO DIA 30 DE ABRIL DE 1990, nasceu uma menina chamada Shirley. A irmã mais nova também tinha um irmão mais velho oriundo do primeiro relacionamento da mãe, que criava o menino sozinho até conhecer o pai de Shirley. O relacionamento com o pai de Shirley durou cerca de dez anos. Aos três anos de idade da menina, os pais se separaram e, então, ela e o irmão viviam sob os cuidados da mãe e sem uma ajuda de custo do pai.

Uma infância carente, mas não passava necessidade e não tinha nada de muito luxuoso. Tinha somente o necessário para a sobrevivência dos três. A mãe deixava os filhos dentro de casa para trabalhar fora e os parentes próximos cuidavam das crianças.

Quando Shirley ainda era menor de idade, sua mãe ficou doente e precisou ficar de cama, por esse motivo, ficou três meses morando na casa de uma amiga que a ajudava no tratamento. Shirley que sempre estava preocupada com a saúde e bem-estar da mãe, não a deixava sozinha. Ia visitá-la, oferecia ajuda e de alguma forma, cuidava da mãe.

Com 14 anos, Shirley já procurou trabalho. Tomava conta de crianças e adolescentes, ou então, colaborava em lanchonetes para obter um dinheiro e ajudar a mãe em casa.

ESTUDOS

A mãe, que já trabalhou como faxineira em um mercado na região de Guarapari e também em condomínios, sempre exigiu que os filhos estudassem. E ela nos estudos era impecável, concluiu todos os anos de ensino e sempre gostou de estudar. Quando concluiu o ensino médio, o desejo para continuar estudando era incessante,

mas entrou somente na graduação com 28 anos. O financiamento estudantil (FIES) foi a forma que conseguiu auxílio para entrar na faculdade de Pedagogia.

As aulas começaram e os 'bicos' não eram suficientes para bancar os gastos do curso. Ela viu a necessidade de arrumar um emprego fixo para completar a renda. E, assim, encontrou uma oportunidade em uma padaria perto de casa para ajudar nas contas de casa.

ROTINA

Quando conseguiu a independência financeira, realizou o sonho de cuidar da mãe. A levou para morar consigo, zelava pela vida dela, ajudava financeiramente com medicações e outros bens necessários.

Interessada em ter uma vida melhor, tinha todos os dias da semana ocupados com a academia, estudos e trabalho. Por viver sob pressão, estresse e medicação para ansiedade, o ideal era começar a fazer uma atividade física para minimizar os riscos. E, o que era pra ser algo apenas para a saúde, virou um hobby e uma paixão.

Acordava às 5 horas para ir à academia e, depois dos exercícios, ia direto realizar o estágio no curso de Pedagogia. Quando chegava em casa, ao meio dia, engolia a comida que a mãe tinha feito e tomava um banho para ir até a padaria e pegar um turno das 14 às 18 horas. Em seguida, na parte da noite, frequentava as aulas na faculdade de pedagogia. Os finais de semana também eram de estudos. Nos sábados e domingos, fazia o curso técnico em enfermagem em Vitória, na capital do Estado.

Na padaria, qualquer forma de ganhar um dinheiro extra, ela aproveitava a oportunidade para ganhar um pouco a mais e ajudar em casa. Nos finais de semana e final de ano, quando tinha shows nas casas de eventos, época de movimento em Guarapari, ela dava um jeitinho para conseguir trabalhar.

Durante a rotina diária, não faltavam ligações para a mãe para saber como estava. Também não faltava espaço para a beleza, com

as unhas impecáveis e os cabelos incríveis, sempre encaixava um tempinho na agenda para a vaidade.

Em dias de provas ou trabalhos, ela virava a noite estudando para deixar os compromissos acadêmicos em dia. No período matutino, cursava o sexto período de Pedagogia, que era conciliado com o estágio obrigatório exigido para a graduação. Cursar pedagogia era a realização de um sonho, já que a paixão por crianças se tornava cada vez mais evidente.

E a formatura em Pedagogia estava chegando e, no final do ano de 2020, realizaria o sonho de entrar na beca. Entretanto, o traje chegaria antes para o curso de técnico em enfermagem, que seria na metade do mesmo ano. As aulas de enfermagem eram realizadas aos fins de semana, durante todo o sábado e domingo, na capital do Estado, Vitória.

MATERNIDADE

Em fevereiro de 2012, foi uma época marcante. Fruto do primeiro casamento. Shirley gerava no ventre uma menina. A gravidez da filha fluía toda normal até que uma pressão alta gerou complicações no parto que ocasionou na internação às pressas de mãe e filha. De Guarapari foram para Vitória em busca de um tratamento mais eficaz. Esse período foi breve até a ida das meninas para a casa.

Extremamente carinhosa, não deixava nada faltar para a filha. Atenciosa, principalmente com os estudos, estava presente em todas as reuniões e quando não podia, a avó ia em seu lugar. O curso de pedagogia auxiliava a ensinar a filha com as demandas da escola.

RELAÇONAMENTOS

Nas festas, barzinhos e idas para lanchar, conheceu o primeiro marido. O relacionamento dos dois durou cerca de quatro anos e rendeu bons frutos ao casal, uma linda menina. O parceiro era um homem difícil. Ela era uma pessoa agitada e estava sempre atrás

do próprio dinheiro, encontrou um rapaz que tinha o oposto de suas características. Acomodado, ele não era muito chegado em trabalhar e todos os empregos que o ex-marido encontrou foram por intermédio de Shirley.

Toda vez que estava desempregado, esperava a boa vontade da esposa em arrumar um novo trabalho. Isso acabou desgastando o relacionamento dos dois e a fez questionar sobre o que queria para uma vida a dois. Uma mulher muito decidida e resolveu se separar.

Um bom pai. Não dá pra negar a paternidade e o amor pela menina. Não deixava faltar nada para a filha e a pensão sempre estava em dia. O afeto, o amor e a responsabilidade sempre existiram para com a filha e isso gerava bons olhares dela para ele. E, ainda, dizia: “ele pode ser o que for, mas não deixa nada faltar e dá muita atenção para nossa filha”.

Por um tempo, ficou sozinha com a mãe e a filha, estudando e cumprindo com a rotina. Em relacionamentos, gostava de conhecer uma pessoa e, assim, se manter com ela. Até que em um dia de trabalho, um belo rapaz que tomava café todos os dias na padaria trocou olhares com Shirley.

Assim, conheceu o segundo marido. Um príncipe. Durante o namoro, ele visitava Shirley em sua casa junto com a mãe e a filha. E as visitas ficaram cada vez mais frequentes. Não faltava elogio da sogra para o novo parceiro de Shirley. E logo, ele estava morando na casa dela junto com a família.

O relacionamento ia cada vez melhor. Juntos compraram carro, moto e estavam reformando a casa existente em cima da casa do pai dele, para eles saírem do aluguel. Buscava e levava todos os dias no serviço para não deixá-la sozinha. E, não demorou muito, comprou uma aliança e a propôs em casamento.

Ela já estava comprando e ganhando alguns itens novos para mobiliar a casa, faltava apenas os móveis que seriam comprados quando tudo estivesse pronto. Ele as ajudava em tudo, pagava o aluguel e

tudo que era necessário. Até que tudo começou a mudar. Começou com insultos a sogra e ciúmes de Shirley na academia e no salão. Queria de alguma forma controlar a vida da noiva.

Ela não levava desaforo e vivia sob o dilema: “antes que o mal fique pior, vou cortar pela raiz”. O novo comportamento do noivo começou a preocupar a mãe sobre o tratamento dele com Shirley. Xingamentos e discussões eram frequentes entre o casal. Essa nova vivência afetou inclusive na faculdade. Começou a ter problemas psicológicos e frequentava as aulas nervosas. Ela não satisfeita, terminou o relacionamento e o mandou embora de sua casa.

Durante a separação, ele perturbou a vida dela até ficar bonzinho, reconquistá-la e voltar para dentro de casa. Não demorou muito para que o comportamento agressivo voltasse. Quando ela estava no salão, ele ia atrás para ofender. Maltratava em casa com xingamentos. A mãe, não satisfeita com a situação, até se meteu no meio das discussões para defender a filha e, então, começou a discutir com a sogra também.

A mãe de Shirley pressentia que ele planejava algo ruim. A forma que ele olhava para elas era suspeita. Por uma segunda vez, ela se separou dele. Com a separação, ele tomou um coquetel de remédios, tentou suicídio, foi para o hospital, internou e ficou uns quatro meses encostado. Nesse período, ele procurou pela ex que preocupada o ajudou a se reerguer. Então, reataram. Fizeram uma viagem juntos para conhecer a família dele no Rio de Janeiro e tudo foi mil maravilhas.

As idas e vindas do casal já duravam aproximadamente um ano e meio. E, ao retornar ao Estado, também retornou com comportamento agressivo.

Ela que não estava satisfeita com o comportamento do ex-noivo que persistia, terminou novamente. Juntou todas as coisas dele que estavam na casa e falou que não o queria mais na casa dela. Ele mais uma vez não aceitou. Procurou por ela no salão, a agrediu e quase quebrou todo o estabelecimento. A atitude foi o fim para Shirley e

decidiu se separar dele definitivamente e ele dizia: “se não for comigo, você não vai ficar com mais ninguém”.

Não satisfeito, as ameaças se estenderam para toda a família. No dia 07 de Janeiro de 2020, Shirley entrou com um pedido de medida protetiva que proibia o ex-marido de se aproximar.

Na quinta-feira da mesma semana, ao finalizar mais um expediente, pegou a moto e foi rumo ao destino. No caminho, levou uma fechada de um carro, a obrigando parar. Ela desceu da moto e começou a conversar com o motorista do carro que de repente sacou uma arma e deu vários tiros nela. Ela foi socorrida pelo Samu, levada ao pronto-atendimento, mas faleceu ao dar entrada na unidade. Aos 31 anos, atingida por tiros. O motorista era seu ex-marido.

Os planos eram matar a ex-companheira, o ex-marido dela, sua mãe e sua filha. Ele a matou, se apavorou e não conseguiu concluir a chacina. Ele já tinha uma filha que morava em Linhares, fruto de outro relacionamento. No caso do feminicídio de Shirley, a primeira ex-esposa do assassino de Shirley depôs contra ele e alegou que as mesmas maldades eram feitas contra ela. A ex-esposa já tinha o denunciado. Na morte de Shirley, ela foi uma das primeiras a ligar para afirmar a existência do comportamento agressivo.

SOBREVIVENTES

O sonho era conquistar um bom emprego, acabar um pouco com a vida agitada e dar uma boa vida para a mãe e para a filha. Uma semana depois do dia da morte de Shirley era o aniversário da filha que, ansiosa, já tinha tudo planejado para celebrar a vida da menina.

A mãe de Shirley ainda vive na casa onde morava com a filha e a neta, porém vive em uma profunda tristeza. Com a falta de Shirley, a mãe teve que voltar aos trabalhos para gerar renda e conseguir pagar as dívidas.

A filha de Shirley, que é fruto do primeiro relacionamento, vive sob tutela do pai e aos fins de semana, a guarda é compartilhada com a avó materna que cuida e zela pela vida da neta.

Para sempre, Shirley.

A entrevista foi realizada virtualmente e a vida de Shirley foi contada por uma amiga muito próxima da família.

**PARA SEMPRE,
VIVIAN**

MINUTOS DEPOIS DO NASCIMENTO DE SUA IRMÃ GÊMEA, NO DIA 17 DE AGOSTO DE 1980, no Rio de Janeiro,

Vivian chegou ao mundo. Ainda pequena, veio para as terras capixabas com os pais, com a sua gêmea univitelina e uma irmã mais velha de dois anos de diferença para morar na Serra..

O casamento dos pais não deu certo. Quando a menina tinha quatro anos de idade, os pais se separaram e, então, elas começaram a viver com a mãe em São Torquato e o pai virou um pai ausente.

A mãe e as meninas viveram inicialmente na região de São Torquato. A mãe trabalhava em uma empresa como faxineira e, assim, garantia o sustento da família. Porém, o emprego durou cerca de um ano, até que a mãe conseguiu o aluguel de um ponto no terminal do Ibes e vendiam balas, doces, salgados e até chips.

Desde pequena, estava no trabalho com a mãe e as irmãs ajudando. A produção era toda por conta da mãe e os demais alimentos que não estragavam ficavam na barraquinha. As filhas ajudavam a mãe nas vendas, passavam o troco, atendiam e quando estavam cansadas, dormiam em um cantinho dentro do estabelecimento.

Viveram em São Torquato por uns três anos, até que surgiu uma oportunidade de comprar um lote em Morada da Barra. Por lá, moravam embaixo de uma lona porque não tinham condições de erguer uma estrutura adequada. A rotina era complicada, bem cedo no horário em que a mãe saía de casa, pegavam o ônibus sozinhas e iam até o ponto final da linha que era próxima à casa da avó em São Torquato. Por lá, tomavam café da manhã e seguiam rumo à escola. Quando as aulas acabavam, retornavam para a casa e ficavam sozinhas até a mãe chegar.

Viveram sob essas condições por aproximadamente dois anos. A avó materna tinha medo do trajeto e delas sozinhas em casa, con-

versou com a filha para que elas pudessem retornar ao antigo bairro e assim, fizeram. Enquanto moravam de aluguel, construíram dois cômodos no lote de morada e quando não dava mais para sustentar os custos da vida em São Torquato, voltaram para a antiga casa.

Pouco tempo depois do retorno para Morada e aos nove anos de idade, Vivian teve meningite. Para cuidar exclusivamente da filha, a mãe teve que largar a barraquinha no terminal. Por seis meses, ficou em tratamento para curar da doença, internada, até os cabelos caíram. Durante o período no hospital e por ser uma doença contagiosa, as irmãs ficaram sob tutela da avó enquanto Vivian estava com a mãe.

Quando melhorou da doença, a mãe conseguiu um emprego fixo. A rotina das meninas continuava a mesma e, durante a tarde, ficavam sob os cuidados da irmã mais velha, em Morada da Barra, enquanto a mãe concluía o expediente.

Na infância, o passatempo favorito era brincar. Só saíam para brincar na rua quando a mãe chegava em casa. Nas ruas do bairro, corria e jogava bola à noite, mas tinham limites, até às dez horas da noite todas deviam estar dentro de casa. Uma outra atividade que gostava na infância era ir à igreja Maranata e, mesmo assim, o limite de horário devia ser cumprido, já que a mãe não as acompanhava.

Nunca passaram fome, nem faltou comida na mesa, mas também não viviam de luxos. Os presentes eram simples e só aconteciam no dia das crianças, no natal e nos aniversários.

Amorosa, fazia amizade onde chegava, não via maldade e tinha um coração enorme. Prova disso, dizia que amava a mãe e as irmãs todos os dias.

Na adolescência passou por muitas fases. Aos 14 anos, era amante das roupas pretas e curtia um bom rock. Aos 17 anos, fez a primeira tatuagem que era uma homenagem às irmãs. Em seu corpo estava tatuado a frase “eu amo as minhas irmãs” e um trevo de quatro folhas. Um ano depois, na maioridade, começou a ser fã da

música popular brasileira, o mpb. O estilo era diferente da irmã mais velha, que gostava mais de funk. Mesmo com jeitos diferentes, estavam sempre juntas.

ESTUDOS

Estudiosa, completou o ensino fundamental e médio sem uma reprovação. Após o Ensino Médio, conseguiu um curso gratuito no Vasco Coutinho como técnica em administração. As aulas do técnico eram conciliadas com o estágio que tinha na Prefeitura de Vila Velha. Com o salário, aproveitou até para tirar a carteira de motorista. Por dois anos, ficou no emprego da prefeitura e, assim que terminou as aulas, continuou com o emprego e o dinheiro do salário a ajudava a pagar as mensalidades da faculdade.

Começou a graduação em Ciências Contábeis e ainda estava em seu primeiro emprego quando descobriu a gravidez do primeiro filho. Até que terminou o contrato de estágio e pouco tempo depois, trancou a faculdade para se dedicar ao neném. Quando o menino nasceu e tinha completado seus seis meses, ela conseguiu um novo emprego em Vitória, na área financeira. E, assim, retornou aos estudos, entretanto, não durou muito tempo e abandonou a faculdade.

RELACIONAMENTO

Aos 20 anos de idade, uma amiga de infância organizou uma festa com os colegas de faculdade e a convidou para ir participar. Vivian aceitou o convite e foi para se divertir e aproveitar o momento. Até que um rapaz chamou sua atenção e a troca de olhares aconteceu. Conversaram, compartilharam telefones e claro, rolou até uns beijinhos. Na festa, ele já estava encantado por Vivian e dizia que ela iria ser sua para sempre.

Em casa, as meninas sempre tinham regras para namorar com alguém. O primeiro passo era apresentar para a mãe o possível na-

morado. Então, para virar algo a mais em sua vida, ela levou o rapaz da festa para conhecer a mãe e assim, começar um namoro. Uma boa pessoa, cursando uma faculdade, concursado na Cesan, tratava todos bem e conquistou toda a família.

Ela, que estava realizando a graduação, com 22 anos de idade e dois anos de relacionamento, descobriu que estava grávida do namorado. Então, no começo da gestação, trancou a faculdade e decidiu morar junto com ele para criar o menino que crescia no ventre dela. Além da vida a dois, também se casaram em união estável.

Ela adorava crianças e sempre quis ser mãe e, ao descobrir sobre a gravidez, foi a realização de um sonho. Teve uma gestação tranquila. Sempre fez de tudo pelo filho, desde quando ele ainda estava na barriga. O neném teve dois chás de bebês, um com a família dela e outro com a dele, que morava em outro município. Ela, que tinha um espírito aventureiro e adorava um passeio ao ar livre, fez com que o primeiro banho de sol do filho acontecesse no alto do morro do moreno.

Ela adorava trabalhar e ganhar o seu próprio dinheiro. Porém, o marido não via necessidade dela exercer uma atividade e dizia que conseguia dar conta dos gastos da casa. Por pressão do marido, não se mantinha por mais de um ano nos trabalhos e voltava a se dedicar ao lar.

Até que chegou um tempo que não estava satisfeita mais com o relacionamento e começou a desconfiar da traição do marido. O filho tinha quatro anos na separação dos pais. Ela saiu de casa e voltou a morar com a mãe, em Morada da Barra, em um cômodo no fundo do terreno. Mesmo separados, ainda rolavam uns flashbacks entre o casal que volta e meia estavam se reencontrando, mas nada com compromisso.

O ex-companheiro queria ter a guarda do menino, assim como ela queria, e essa era a maior briga do ex-casal. O pai do menino não poupava as palavras para atingir Vivian, dizia que ela perderia na

justiça caso eles entrassem com um processo da guarda da criança. Com medo de ficar sem o filho, ela aceitava a presença do ex diariamente e, principalmente, nas datas comemorativas.

Passado um tempo morando com a mãe, decidiu mudar para o bairro de Araçás, também no município de Vila Velha. A nova casa era pequena, com apenas um quarto, vivia com o filho.

Já estava separada há três anos do ex-parceiro, ele estava em um outro relacionamento e noivo de uma nova mulher. Mesmo assim, ela não deixava de enviar felicitações no aniversário dele e lembrava aos seus familiares para que também o mandassem. Além dele, mandava os parabéns até para os pais dele, afinal, ele continuava sendo o pai do filho dela e ela queria manter uma boa convivência.

A VIDA DELA

Em 2020, junto com a irmã mais velha, deram início à vida empreendedora. Unidas, abriram uma empresa de sublimação. Enquanto a irmã produzia as peças personalizadas, Vivian ficava responsável pelas entregas. O negócio estava prosperando, mas sempre teve comentários negativos provenientes do ex-marido sobre a empresa, que afirmava que não daria certo.

Ela abandonava tudo para ser mãe e fazia tudo pelo filho, o mimava e ele era a paixão da sua vida. Amava ser mãe e queria ter um outro filho. Quando ele crescesse mais um pouco, pensava até na possibilidade de adoção.

E, com o filho um pouco mais maduro, aos oito anos de idade, decidiu ir para a justiça a fim de deter oficialmente a guarda do filho. Para isso, optou por uma casa um pouco maior e que tivesse pelo menos dois quartos. Encontrou um novo lar no mesmo bairro, no dia da mudança e o ex-marido se disponibilizou em ajudar. Era um sábado, dia 25 de julho, quando começaram a fazer a deslocação para o novo endereço. No outro dia, um domingo, mãe e filho foram passear e aproveitar mais um tempo juntos.

Na segunda-feira, dia 27 de julho, o pai buscou o filho pela manhã para passar um tempo e cuidar do garoto. Vivian aproveitou a ausência da criança para ajeitar a casa, que ainda estava com caixas e pertences da mudança, foi quando recebeu uma visita inesperada.

O visitante chegou com uma maleta de ferramentas e então começou a tortura. Com socos, pauladas na cabeça e espancamento, Vivian perdeu a vida. A jovem, de 29 anos, foi encontrada um dia depois pela irmã mais velha que não a reconheceu pois estava com o rosto desfigurado, sem os cabelos e até mesmo a sobrancelha.

No fim da tarde do dia do crime, o ex-marido ligou para a irmã gêmea de Vivian, dizendo que estava preocupado com a antiga esposa que não atendia, nem respondia suas ligações e tinha que ir buscar o filho do casal. A irmã prontamente comunicou a mãe e a irmã mais velha que Vivian tinha sumido e elas tentaram ligar para a irmã, que não atendia, e para pessoas próximas para descobrir sobre seu paradeiro.

No dia seguinte, a irmã mais velha foi até a nova casa da irmã, morta e enrolada em um tapete, encontrou toda a cena do crime. Acionou a polícia imediatamente e começou o processo de compreender o que tinha acontecido com a vida da irmã. O corpo de Vivian foi para o DML, que foi liberado com a presença da família e também do ex-marido. Durante o velório, ainda sem ninguém entender quem seria capaz de cometer tamanha atrocidade, o ex-parceiro de Vivian consolou toda a família e ainda carregou o caixão da ex-esposa.

Uma semana depois da morte de Vivian, no dia 03 de agosto, as investigações avançaram e o suspeito foi identificado. A visita que Vivian recebeu era do ex-parceiro, que foi preso, acusado do feminicídio de Vivian.

SOBREVIVENTES

Uma das irmãs de Vivian detém a guarda do menino, que é compartilhada com os avós paternos de quinze em quinze dias.

Faltavam duas semanas para o almoço em família que Vivian estava organizando para comemorar o aniversário quando foi assassinada.

Para Sempre, Vivian.

PARA SEMPRE, LUANA

A história de Vivian foi contada pela irmã em uma entrevista presencial em um local público.

*Não tem nada mais divino que poder te amar
Luana, Luana
O meu coração declama só pra te amar, te amar
Luana, Luana
Fiz de ti uma poesia pra poder cantar
(Katinguelê)*

NO DIA 20 DE NOVEMBRO, na capital do Espírito Santo, faltando cinco dias para completar o sétimo mês de gestação, a mãe de Luana deu à luz a uma menina chamada Luana, que de tão pequena, cabia na palma de sua mão, pesando quase um quilo e meio. Mesmo prematura, nasceu saudável e cresceu da mesma forma. Passou pouco tempo de recém-nascida no hospital e logo foi para casa viver junto dos pais e da irmã mais velha.

Em Marcílio de Noronha, Viana, adorava brincar. Cheia de alegria, dividia a infância com vários coleguinhas e se divertiam muito juntos. Também, era apaixonada por dançar. Tanto é que em todas as festas da escolinha, quando tinha apresentação, Luana participava, exibindo todas as habilidades na dança. Além do colégio, amava participar dos programas da igreja, até então católica, como se vestir de anjo para a coroação de Maria.

A irmã mais velha era como uma segunda mãe. As irmãs viviam grudadas e ela nada deixava faltar para a caçula. As meninas sempre evitaram pedir dinheiro ao pai. Contudo, quando a mãe não tinha dinheiro para bancar os gostos da filha mais nova, a irmã mais velha, que estava no estágio, dava um jeitinho para fazer todas as vontades de Luana.

Adorava visitar as tias em Vila Velha e, desde pequena, ela, que era amante do mar, aproveitava as visitas para curtir uma praia, pegar um bronze e aproveitar os dias de sol de frente para a maresia. Aos 12 anos, foi morar em Vila Capixaba com os pais e a irmã. Já

era conhecida no bairro e nem precisou se adaptar muito à mudança. O restante da família morava na região e era costumeiro a presença dela na infância nas ruas do bairro.

ADOLESCÊNCIA

Na adolescência, adorava namorar. Não dava trabalho para a mãe, pois sempre foi uma menina educada, obediente e sempre andava na linha. Mas era namoradeira. Aos 15 anos, já tinha um namoradinho que conheceu na roça. E, escondido dos pais, mantinha uns amores de adolescentes. “Tô só conhecendo”, essa era a frase que ela usava para se justificar para a família sobre os rolos que tinha.

Adorava uma boa festa, dançava todos os ritmos e dentro de casa só ficava com fone no ouvido escutando, principalmente, funk. Se não estava ouvindo uma melodia, estava mexendo nos cabelos. Amava trocar a cor das madeixas: loira, morena, ruiva ou até mesmo em tons coloridos. Além disso, era cheia de amigos e fazia amizade em qualquer canto por onde passasse.

Consumista, exibia uma paixão pulsante por comprar roupas novas e, também, maquiagens. Não saía de forma alguma sem uma ‘make’ no rosto. Amava sandálias, principalmente se fossem saltos. Shorts e cropeds eram as peças favoritas de roupa. Se arrumar para sair, conhecer lugares e aproveitar os momentos era a sua paixão.

FAMÍLIA

Em um combinado feito entre as irmãs, Luana seria a madrinha de batismo do segundo filho da irmã mais velha e do primeiro sobrinho seria apenas madrinha de consagração. Visto que, quando o sobrinho nasceu, Luana era muito nova e sem juízo e a irmã se preocupava com a criação do filho. Um pouco antes do dia do batismo, Luana se revoltou e saiu de casa por aproximadamente dois meses, quando morou com a tia, e acabou não consagrando o sobrinho.

Mas se engana quem pensa que Luana não amava o pequeno. Muito pelo contrário, ela foi muito mais que uma tia. Com uma paixão exuberante pelo sobrinho, cuidava dele com maior carinho do mundo. A vida dela era a do sobrinho e tornou-se uma segunda mãe para ele. O amor explode entre os dois. Cresceram juntos, um zela pelo outro, dormiam juntos, conversavam pelo WhatsApp e sempre estavam em chamadas de vídeos.

Já a convivência com o pai foi diferente. Ele exibia poucas demonstrações de afeto ou ajuda com a família desde a infância de Luana. E, com a separação dos pais no ano de 2019, ele ficou distante da vida das filhas. Morava perto, mas nunca as procurava para passar por momentos entre pai e filhas.

A ausência do pai nunca diminuiu o amor dela por ele. Sempre procurava um jeito de chamar a atenção. Quando ganhou uma moto nova, passava pela frente da casa do pai para se exibir e também vigiar. Um dia encontrou o pai acompanhado de uma namorada nova no supermercado e, morrendo de ciúmes, implicava sobre a situação.

ESTUDOS E EMPREGO

Luana nunca foi muito fã de estudar ou de ir ao colégio, mas concluiu tudo o que precisava. Reprovou duas vezes, mas concluiu o ensino médio. Por insistência da irmã, começou um curso técnico em segurança do trabalho e, com os empurrões da mãe, seguiu frequentando as aulas até que, por fim, obteve o diploma. Com o fim do ensino técnico, logo ingressou na área. E, com o dinheiro do salário, ingressou na faculdade no curso de pedagogia.

Mas a vida profissional começou quando tinha 20 anos, que conseguiu o primeiro emprego em um armarinho na região de Campo Grande, logo depois em outra loja comercial e, por fim, na área de engenharia quando atuou como técnica de segurança do trabalho. O salário? Ela “torrava” todo o dinheiro com os luxos que gostava, sem pensar duas vezes.

RELACIONAMENTO E MATERNIDADE

No início do ano de 2019, queria começar uma vida sozinha. Com todo o apoio da irmã, começou a procurar por um cantinho para chamar de seu. Enquanto buscava por um espaço também dividia o tempo conhecendo um rapaz. Quando estava prestes a sair de casa disse para a irmã: “Olha, ele vai morar comigo”. A família não aceitou de imediato, pois ambos tinham acabado de se conhecer.

Mesmo a família sendo contra, ela persistiu e foi morar com o rapaz. Não tinha nada em casa: sem geladeira, sem televisão, sem cama e as roupas eram lavadas a mão. A casa era sustentada apenas com o salário de Luana e a família dela inicialmente deixou ela passar por uns perrengues antes de oferecer uma pequena ajuda.

Os poucos móveis e eletrodomésticos que existiam no apartamento foram conquistados com a ajuda da mãe e da irmã de Luana. E outros foram obtidos com parcelamentos no cartão de terceiros que ela pagava todo mês.

Com três meses de relacionamento, em abril de 2019, em um sábado, Luana pediu para a mãe fazer um empadão. A mãe logo desconfiou de gravidez porque a menina não gostava de massas e comeu toda a comida. Na quarta-feira seguinte, em um feriado, ela foi para a casa da mãe novamente e levou uma travessa de rabada e agrião pedindo pelo prato. A mãe mais uma vez desconfiou, visto que ela também não gostava da comida e comeu tudo. Então, a mãe disse que estava suspeitando e mandou ela fazer um teste.

Uma semana depois, a comprovação: Luana estava grávida. A mãe estava feliz pela vinda do bebê, mas criticou a notícia, já que para ela não estava na hora dela ter uma criança. O namorado, que era pai de outras duas crianças, quando foi conhecer a família de Luana, disse que era ligado por uma vasectomia. Luana, que não se envolvia com outra pessoa além do parceiro, estava grávida.

Foi uma luta para conseguir os móveis para montar o quarto da filha. O enxoval foi dado pela irmã. A cômoda era um presente da

amiga. O berço, que era usado, foi comprado com uma amiga que não esquece a cena dela indo buscar o berço. Luana estava extremamente feliz com o móvel enquanto o namorado e pai da bebê, ao seu lado, comentava: “não sei pra que isso, já tenho filho”. Além disso, o chá de bebê da menina foi feito com a ajuda da família e amigos de Luana, o pai não ajudou.

Em casa, decorou com todo o amor e sozinha o quarto da filha: pintou as paredes, ajustou com os móveis e a decoração. Ele exigia que tudo fosse dividido com os outros dois filhos dele, que eram meninos e mais velhos, porque ele estava tentando ter a guarda das crianças. Luana não aceitou a divisão, o que gerou uma discussão e na separação do casal.

O nascimento da filha foi outra guerra. Ele queria que a irmã mais velha de Luana, registrasse a neném com o cunhado. A irmã de Luana não aceitou e mandou que ele fosse registrar a menina como sua filha, exigindo que ele as buscasse no hospital após o nascimento da filha. No outro dia, ele saiu de manhã e não voltou mais.

Ela morava no apartamento com a filha. Até que no carnaval, após uma viagem em família, elas disseram que não dava mais e combinaram entre si que era hora da Luana se acertar ou morar junto com a mãe porque não dava mais para ela arcar com tudo sozinha. Ela decidiu morar com a mãe. Juntas, dividiram por três meses o espaço em uma kitnet em Santo André, Cariacica, até quando se mudaram para o apartamento em Vila Capixaba, quando saiu a liberação para o imóvel depois da separação dos pais.

A família paterna nunca procurou pela criança e o pai nunca a ajudou financeiramente. E nos raros casos em que ia visitá-la, ficava implicando. Na pandemia, elas pediam para ele ter o cuidado de lavar as mãos e passar álcool em gel antes de pegar a neném. E ele respondia: “Vou pegar coronavírus e passar para todos vocês e todo mundo morrer”.

No dia quatro de maio, Luana voltou a trabalhar. E a filha ficava com uma senhora que cuidava de crianças. 25 dias depois do retorno ao trabalho, exatamente no dia 29 de maio, era mais um dia comum, a bebê acordou de madrugada, mamou e não dormiu até o horário de ir para a creche. Luana ficou atenta à situação e comunicou que ela estava acordada por muito tempo.

Na creche, a bebê dormiu, mas não acordava de jeito nenhum. Já se passava do horário de lanche da pequena e ela não acordava. A cuidadora ficou preocupada e quando foi olhar encontrou uma neném com o rosto roxo. Sem pensar duas vezes, acionou o Samu, pediu ajuda aos demais membros da equipe e começou os preparativos de primeiros socorros.

A cuidadora levou a bebê fazendo massagem cardíaca e respiração boca a boca até o hospital, onde chegou uma criança ainda com vida, em tempo para ser entubada e com alguma chance de sobreviver. Até que a pediatra convocou a família e revelou-a que a criança tinha vindo a óbito por uma morte súbita.

No dia da morte da filha, Luana passou a noite inteira andando de um lado para outro, chorando e questionando Deus e até descreditando da divindade, que ele era injusto com ela por conta da situação. Ela ficou em casa por duas semanas até voltar à rotina do trabalho para distrair a cabeça.

Toda noite ela dormia com uma roupinha da bebê embaixo do travesseiro e não contava para ninguém. O falecimento da bebê foi o “pontapé inicial” para começar as ameaças vindas do ex-parceiro. Mal teve tempo para sofrer o luto e começou a vivenciar o medo. Não podia ter uma vida comum e vivia sob constante terror. Ela entrou com uma medida protetiva para tentar se defender e estava em uma fase que não saia mais.

Todos os dias, a mãe a acompanhava ao ponto de ônibus nas idas e vindas do trabalho para não a deixar sozinha. Em uma tentativa de mudar a rotina, na metade do ano passado, a irmã propôs que

ela voltasse de ônibus até a pracinha de Goiabeiras para pegar uma carona de moto com a irmã até em casa. Essa alternativa durou até o mês de setembro quando a irmã perdeu o emprego.

No trabalho, ganhou uma promoção em que virou líder da equipe e um curso pago. Uma semana depois, enviou o link para a irmã, para ela aproveitar a oportunidade, aprimorar o lado profissional e fazer um curso juntas. Enquanto estava voltando do trabalho, no dia 09 de fevereiro de 2021 estava assistindo o curso pelo celular. Não ligou para a mãe quando estava chegando em casa para buscá-la no ponto e, no trajeto para o imóvel, foi abordada pelo ex-namorado que com quinze facadas tirou a vida dela. A irmã mais velha, quando chegou na cena do crime, encontrou somente o celular de Luana, com o treinamento rolando.

SOBREVIVENTES

O assassino de Luana está preso e ainda não foi julgado pelo crime.

A família de Luana sofre com a ausência da menina, principalmente a mãe e a irmã. Antes da mãe dele apagar as conversas, o sobrinho pegava o celular e ouvia os antigos áudios que a tia o mandava.

Para sempre, Luana.

A vida de Luana foi contada pela mãe e a irmã, a entrevista foi presencial e realizada na casa da mãe da vítima.

PARA SEMPRE, JACIARA

NO DIA 15 DE MARÇO DE 1988, no interior da Bahia, em Barrolândia, nasceu Jaciara que, na pequena cidade, vivia junto com os três irmãos mais velhos e os pais. No município rural da Bahia, as crianças ficavam sob os cuidados do irmão mais velho, enquanto os pais trabalhavam na roça. Os irmãos eram muito unidos e os mais velhos zelavam pelos mais novos.

Quando estava completando quatro anos, os pais se separaram e a mãe os levou para a cidade de Itapebi. E assim, o pai sumiu da vida dos filhos. A mãe assumiu o papel de pai e mãe e o irmão e a irmã mais velha ajudavam a criar os mais novos. No novo lugar, a família materna já vivia por lá.

A proximidade com a família era grande, principalmente com as primas. Desde a infância, ela e as primas eram unidas e ela era a cabeça do grupo. Quando alguma delas estava passando por algum problema, ela sempre tinha um bom conselho para oferecer.

Na adolescência, aos catorze anos, começou a fazer bicos na cidade. Nos finais de semana, ajudava em um restaurante na limpeza da cozinha e para cortar as verduras. A mãe era muito rígida, assim como os pais de suas primas. Para dar ‘perdido’ aos mais velhos e aproveitar para sair de casa, combinava com as primas os ‘migués’ para cada uma dizer aos pais. Uma hora diziam que estava na casa de uma e outra hora na casa de outra.

Até que uma amiga das meninas namorou com um rapaz que morava na mesma rua de Jaciara e, assim que eles terminaram, a amizade com o menino se manteve. Até que começaram a namorar e aos dezesseis anos engravidou da primeira filha, que nasceu em Itapebi, fruto de um relacionamento com um rapaz da cidade. A mãe apoiou em todo momento. O namoro com o menino durou cerca de cinco meses, mas gerou um fruto para vida toda.

Depois da gravidez, começou a sair mais para aproveitar as festas de Itapebi. Com as primas, adorava participar das matinês, que eram festas exclusivas para menores de dezoito anos. Não perdiam uma festa e dançavam até a festa acabar.

Além das festas, depois da gravidez começou a trabalhar na cidade. Para ajudar nas despesas da filha e pagar pela a formatura do ensino médio no colégio.

Em Itapebi, concluiu todo o ensino médio. Alguns parentes próximos já moravam no estado do Espírito Santo. Até que, em 2006, decidiu vir para Vitória buscar uma vida melhor. A menina tinha um ano e seis meses quando ficou sob os cuidados da avó e a mãe veio para o Espírito Santo. Porém, não se adaptou facilmente à capital e sentia saudades da filha, então com um mês residindo em solo capixaba, não aguentou e retornou para o lugar de origem.

Aos vinte anos, ela veio definitivamente. O primeiro emprego na cidade capixaba foi como babá e com a renda, ajudava financeiramente a mãe que cuidava da menina. Morava em uma casa de família durante a semana e, aos fins de semana, ia para a casa da tia, em Vila Nova de Colares, para se encontrar com as primas que viviam em outras casas de famílias.

Nos encontros com as primas, muitas vezes aproveitavam para curtir em barzinhos. Foi em uma das noitadas que conheceu o namorado, pouco tempo depois que chegou no Estado. Ele que conquistou toda a família, começou a passear junto com as meninas e, depois de um tempo, a desenvolver uma relação com Jaciara.

Com menos de dois anos de relação, em dezembro de 2009, descobriu que estava grávida do companheiro. Porém, a relação com o parceiro era de infidelidade por parte dele. Ao mesmo tempo em que estava grávida de um filho dele, ele também ia ser pai de uma outra criança proveniente de uma das suas traições. Ele optou por viver com a outra mulher e a deixou sozinha na gestação. Ela não conseguia viver sozinha, sem uma vida a dois. Quando a menina nas-

ceu, em agosto de 2010, ele decidiu voltar com Jaciara e ela reatou o relacionamento. Desde então, mesmo amando o parceiro, Jaciara nunca se esqueceu desse momento em que viveu e sempre se sentiu insegura em relação a ele.

Mesmo com o nascimento da filha, ainda morava no trabalho e por isso, não conseguia dar atenção suficiente para a filha durante os dias da semana e a menina ficava sob os cuidados da cunhada.

ESTUDOS

Desde o dia em que saiu da Itapebi, tinha o sonho de fazer curso técnico em enfermagem. Por anos, trabalhou na casa dos outros até se estabilizar e dar início ao tão sonhado curso, que pagava as mensalidades com o dinheiro do próprio salário.

Logo quando terminou o técnico, no ano de 2017, saiu do emprego como babá e começou um novo rumo na vida profissional, ao conseguir um emprego no Hospital Jayme Santos Neves, na Serra. No hospital, dava plantões noturnos e trabalhava no setor de UTIN. Em 2019, começou um segundo emprego, onde exercia plantões diurnos no Hospital Santa Úrsula.

Ao parar de exercer a função como babá, arrumou o próprio cantinho para ela e a família, em Vila Nova de Colares, na Serra. No qual, vivia com a menina e o pai dela. Por ela trabalhar em dois empregos, aproveitava o tempo livre entre os dois empregos para curtir com a filha que morava com ela e aproveitar o tempo que ficaram distantes na infância da menina por morar em casa de família.

Já a filha, que desde o nascimento vivia com a avó. Até tentou morar com a mãe por um ano, mas acostumada com a vida em Itapebi não se adaptou às terras capixabas. Mesmo assim, mantinha um relacionamento, conversavam por telefone, eram amigas, conselheiras e companheiras. Eram raras as visitas à terra natal, devido a exaustiva rotina. Porém, no mínimo uma vez ao ano, a mãe e a filha iam para Vila Nova de Colares para ver Jaciara.

RELACIONAMENTO

Em Julho de 2019, o marido que havia ingerido álcool, foi buscá-la no trabalho de carro. Ela não estava ciente do estado do parceiro e bateu com o carro. Ele não estava trabalhando na época e, com o dinheiro das férias que ela ia tirar em agosto, ela arcou com todos os gastos do acidente.

Além disso, ela sustentava a casa, por isso a necessidade de ter dois empregos. Além das despesas do imóvel, incentivava o marido a cursar o técnico em enfermagem e, por isso, pagava o curso para ele obter o registro para conseguir um emprego e ajudar nas despesas. O marido, que era pedreiro, nem sempre estava trabalhando, então, contar com o auxílio era raro.

O dinheiro das férias ia investir em um procedimento estético. Porém, com a ausência do fundo financeiro, entre os meses de setembro e novembro de 2019, trabalhou bastante para realizar o sonho de redução de mamas e aplicação de silicone. Visto que, com a segunda gravidez, os seios cresceram e isso a incomodava esteticamente. Quando ia comprar roupas, sentia-se para baixo porque as peças não cabiam direito, até que, no último mês do ano, conquistou o tão sonhado desejo.

A cirurgia a deixou animada e, com isso, resolveu cuidar ainda mais da aparência. Logo entrou na academia, emagreceu e estava contente com os resultados que via no espelho. Além do corpo, começou a cuidar da pele com skin care, a usar produtos de maquiagem, a aceitar o cabelo cacheado e também, a fazer as unhas semanalmente.

Depois do acidente, a vida do casal começou a desandar. Em um churrasco na casa dela, ela arcou com todos os custos do evento porque ele estava desempregado. Até que no final do ano de 2020, ela descobriu uma nova traição por parte do marido. Ele a manipulou e a deixou com medo da separação. Principalmente, ao envolver a filha, quando ele dizia que ela não iria aceitar o fim.

A vida em dois hospitais durou cerca de dois anos, até que começou a passar mal com crises de ansiedade devido ao estresse e cansaço. Ela já estava fazendo uso de medicação para pressão alta e, para cuidar da saúde, optou por trabalhar em apenas um dos hospitais e aliviar a carga horária. Por preferir os plantões diurnos que eram mais leves comparados aos noturnos, no ano de 2021, pediu conta no Jayme Santos Neves. E, cumpria aviso prévio antes de se desligar totalmente.

Além de trabalhar em apenas um emprego, também planejava se separar do marido. No começo do ano, conversou com a filha e contou que iria se separar do pai dela. A menina, tranquilamente, aceitou a decisão da mãe. Com o fim do casamento, planejava trazer a mãe e a filha para morarem em Vitória, assim que a primogênita concluisse o ensino médio. Um outro sonho era começar a cursar psicologia, que era um sonho desde quando morava em Itapebi.

Ela não tinha superado a traição que aconteceu no ano anterior, não aguentava mais a exaustiva rotina e não aguentava ter que lidar com as situações da casa sozinha. Motivos que eram suficientes para ela pedir o divórcio. Porém, ela não queria perder a casa que construiu sozinha com o dinheiro do seu trabalho e ainda queria o ajudar. Ele havia acabado de se formar e ela estava esperando ele pegar o registro no conselho de enfermagem e conquistar um emprego para, então, cada um ir para o seu canto, se separar de fato e ela manter a consciência tranquila de que tudo fez.

No domingo, dia 14 de março de 2021, véspera do aniversário de Jaciara, aconteceu um almoço em família na casa de um parente para celebrar seus 33 anos de vida e, mesmo separados, fazia questão de demonstrar que tudo estava bem entre eles.

Assim que a festa acabou, voltaram para casa. Durante a noite, o ex-marido que estava embriagado, forçou a ex-esposa a ter relações sexuais com ele. Ela recusou imediatamente. Indignado, avançou para cima dela com uma faca. Na frente da filha de 11 anos, ele des-

feriu golpes na ex-mulher. A filha chorava ao ver a mãe sendo morta e implorava para o pai parar.

Ao ver que o pai não parava de esfaquear a mãe, a menina correu para a rua e pediu aos vizinhos ajuda para salvar a mãe. Já passava da meia-noite e era a data do aniversário da mãe, quando a pequena correu para buscar socorro. Quando os vizinhos foram socorrer a mãe da criança, o suspeito já tinha fugido. Eles acionaram uma ambulância do Samu, que a levou para o Hospital Jayme Santos Neves, local onde ela ainda trabalhava, mas não resistiu às 33 facadas do ex-marido.

SOBREVIVENTES

Um dia depois da morte de Jaciara, o marido se apresentou na delegacia acompanhado de um advogado e, por lá, ele prestou depoimento por duas horas, confessou o crime e foi liberado. Ele não ficou preso porque não havia mais flagrante e nem mandado de prisão em aberto contra ele. No sábado seguinte (20), com o mandado de prisão, o assassino de Jaciara foi preso em Ilhéus em uma ação conjunta de policiais civis e militares da Bahia.

Próximo à entrada principal, no hospital Jayme Santos Neves, local por onde grande parte dos trabalhadores passam todos os dias, foi plantada uma manacá-da-serra, uma árvore de pequeno a médio porte que tem belíssimas flores. Foi uma forma do hospital homenagear a técnica de enfermagem pelo seu trabalho. Hoje, as filhas vivem com a avó materna no interior da Bahia que não pensa mais em vir para o Estado.

Para sempre, Jaciara.

A história de Jaciara foi contada pelas primas, pelos irmãos, pela mãe e a filha mais velha.

PARA SEMPRE,
IRLANE

ERA DIA 6 DE MAIO DE 1985, em Jarú, no interior de Rondônia, Irlane chegou ao mundo. Com a irmã, que era dois anos mais velha, os pais viviam juntos uma vida humilde e enfrentavam os desafios de morar na roça. Pouco tempo depois do nascimento da caçula, a família se mudou para Machadinho do Oeste, no mesmo Estado e os desafios continuavam os mesmos.

Apesar de mais nova, demonstrava ser a irmã mais velha pelo jeito de agir, de ser e de uma personalidade forte. Determinada, decidida, corajosa, guerreira, destemida e batalhadora, corria atrás dos objetivos e pelo que almejava ter. Sempre prezou pelos valores que acreditava ser importante e nunca deixou ninguém passar por cima dela.

Na infância, às vezes, brigava com a irmã. Por ser mais determinada, sempre gostava de estar em primeiro lugar. Por muitas vezes, agia como a irmã mais velha. Dividiam as tarefas domésticas, porém a irmã mais velha se perdia quando encontrava um livro. Ficava lendo e esquecia das atividades e, quando Irlane via a irmã postergando, logo brigava sobre a conduta dela e que a mãe iria reclamar por conta do serviço não feito.

Ela, oriunda da zona rural de Rondônia, junto dos pais e da irmã mais velha, teve uma vida dura e difícil. O pai trabalhava para as pessoas formando fazendas e a mãe era professora. Sempre ajudando os pais, o trabalho apertou principalmente na época em que a irmã mais velha saiu para estudar. Ela tomava conta da casa, cuidava do gado, tirava leite, prendia bezerro, cozinhava para uma média de quinze ‘companheiros’ da roça e ainda levava a comida para eles almoçarem. Ela era forte e dava conta de tudo sozinha.

A família também possuía um simples ponto comercial no ponto de ônibus na linha onde os transportes pararam. A mãe fazia salgados e bolos para vender, acordava às 4 horas para ajudar a mãe e dar

conta da demanda, fritava os salgados cedinho para que às 6 horas da manhã tudo estivesse pronto no comércio.

Além da rotina em casa, as irmãs nunca deixaram de frequentar a escola e se formaram no ensino regular. Esforçada, não tinha um serviço que não fazia. Dirigia caminhão e trator. Não tinha medo, nem vergonha de trabalhar. O importante era ganhar o dinheiro de forma honrada e digna.

RELACIONAMENTOS

Em 2001, aos 16 anos, se casou pela primeira vez com o primeiro namoradinho que conheceu na cidade. Em uma grandiosa festa, o pai matou pelo menos três gados para celebrar.

O plano do casal era ir para os Estados Unidos, de forma ilegal, em busca de uma vida melhor. Tudo estava pronto, estava pago e programado para acontecer e próximo da data deles irem para o outro país, Irlane descobriu que estava grávida. Uma gravidez de risco. Ela teve que abdicar do projeto e aguardar o nascimento da menina, mas, para não perder o dinheiro já investido, o marido foi na frente e disse que a esperaria na terra do Tio San.

Assim que a menina nasceu, ela ficou junto com a filha por uns dois meses até que optou por dar continuidade ao plano do casal: ir para os EUA para trabalhar e ajudar o marido para eles retornarem. A filha ficou com a avó materna. De avião, ela foi até ao México e tentou atravessar a fronteira pelo mar. “Ou pula na água ou eles vão atirar” e só com a roupa do corpo, não pensou duas vezes e pulou no mar para se livrar do tiroteio. Até que um barco chegou e a salvou junto com os demais imigrantes que estavam a tempo de morrer afogados.

Quando chegou nos ‘States’ e se reencontrou com o marido, descobriu que ele já tinha edificado uma nova vida e ela já não estava mais em seus planos. Na época, nada era tão acessível como atualmente. Sem WhatsApp e sem google tradutor, em território americano, ela se virava.

Uma menina tentando a sorte em um país de primeiro mundo, totalmente diferente do que estava habituada no interior de Rondônia. Mesmo assim, sozinha, ela viveu por lá durante quatro anos. Nesse período, trabalhou como faxineira, como cozinheira em uma lanchonete e aprendeu até a fazer drinks.

Na época, ligava para os pais nos telefones por antena e se comunicavam quando estava tudo funcionando para ambos os lados. Além dos telefonemas, a troca de cartas era constante e, assim, era o jeitinho em que Irlane acompanhava o desenvolvimento da filha que estava desde o nascimento sob os cuidados da avó. No verso das fotos que recebia da mãe, escrevia declarações e os sentimentos que passavam na hora.

“Hoje eu recebi uma foto da minha princesa. Que saudade, vontade abraçar e beijar. Mas, um dia eu vou voltar e ficar juntinho de você” - era uma das legendas descritas nos versos das fotos.

Ela estava muito bem em terras americanas, porém a saudade da filha e da família era enorme. Quando voltou dos Estados Unidos, fez um curso de cabeleireira mas nunca vingou na área. Além do curso, também entrou na graduação em Engenharia Ambiental, mas não durou muito tempo e trancou a faculdade. Como forma de ganhar dinheiro, fazia bolos, cupcakes e diversos quitutes para vender. Uma de suas especialidades era o sorvete de tapioca.

Por gostar de cozinhar, adorava receber visitas e fazer quitutes para eles. E, por adorar se divertir e amar dançar, aproveitava algumas vezes, nos fins de semana, para ir aos bailes de forró.

No ano de 2015, conheceu o segundo marido. Sonhava em conquistar as coisas junto com o parceiro. E, para isso, não negava trabalho e não tinha nada que ela não exercesse para ajudar o companheiro na profissão de electricista. Ela dirigia o caminhão dele e até trocava lâmpadas em poste, em cima de um caminhão munck.

Ele era um ‘gentleman’ e faltam adjetivos para definir o quanto ele era adorado pela família. A sogra o tratava como um filho que

ela não teve. Irlane, o tratava de forma especial, lavava o sapato, as roupas e até servia comida no prato para ele comer.

Ele acordava 4h30 para trabalhar e ela acordava às 3h30 para fazer a marmita dele quentinha porque não gostava de arroz reaquecido. Preparava o arroz, fritava a carniinha e colocava tudo na marmita. Fazia até forma de bolo para ele poder levar para o trabalho e comer com os amigos. Após preparar tudo para o marido ir trabalhar, se arrumava porque logo cedo ia exercer seu trabalho como diarista.

Até que o relacionamento do casal chegou a um momento muito difícil. Ela que, já estava passando por situações abusivas há algum tempo, pediu pelo fim da união dos dois. Ela até começou a se relacionar com uma outra pessoa. Ele, que não aceitava o fim do casamento, a incomodou até quando ela largou o namoro para reatar o matrimônio.

Com o retorno do casal, tiveram uma lua de mel. Viajaram para a praia, tentaram um recomeço e a proposta era para que fosse em um lugar diferente. Ela, que sempre foi uma esposa parceira, acompanhava e dava suporte. Juntos foram para Recife, pois pouco tempo depois da reconciliação do casal, o sogro veio a óbito. Ela não deixou a “peteca” cair e o auxiliou em todo o processo do luto.

A oportunidade de viver a vida em um lugar diferente, mais especificamente em Aracruz, no Espírito Santo, surgiu quando o então marido recebeu uma proposta para trabalhar como electricista. E de Recife veio ela, o marido e a filha para o Estado.

Nos Estados Unidos, morava próxima ao Litoral e, quando veio para o Brasil, o sonho era morar perto do mar. Além de estar acompanhando o marido em uma nova carreira, estava também vivendo um momento muito feliz da vida e realizando o sonho que era o de morar perto da praia.

Em um novo Estado e ela sem apoio, eles continuaram a ter problemas. Em dezembro de 2020, o casal chegou a ter um desentendimento na relação. Em janeiro de 2021, eles tiveram um desenten-

dimento que desencadeou no fim do casamento e em uma tentativa de fugir das agressões do ex-marido, fugiu para a casa da vizinha. Ele não aceitou o término do relacionamento. Acreditando que ela era sua propriedade, não aceitava que ela vivesse a própria vida. E, mesmo assim, ela decidiu sair e viver sua vida junto com a filha.

No mesmo mês em que terminou o relacionamento, mudou-se para o bairro de Itaparica no município de Vila Velha e por lá começou novos rumos. E, no mesmo mês em que Irlane separou do ex-marido, começaram os pesadelos para ela e toda família. A irmã mais velha recebia ligações do próprio avisando que iria matar Irlane. A família alertava sobre os riscos que ele pregava e ela não acreditava que ele era capaz de tal brutalidade.

VIDA EM ITAPARICA

Uma mulher esforçada, começou a trabalhar e em pouco tempo já estava com a agenda cheia para fazer faxinas na casa de pessoas influentes e de confiança e não dava conta da demanda que surgiu.

Tão vaidosa, para ir ao trabalho estava sempre arrumada, com camisetas baby look, calça jeans, tênis impecáveis, unhas feitas, cabelos bem amarrados e batom passado. Assim, partia rumo a mais um expediente. E, alegava: “Não é porque eu tô indo fazer faxina que eu tenho que ir toda desarrumada”.

A qualidade do serviço de Irlane era impecável, logo muitos sabiam da excelência como diarista e a agenda rapidamente estava lotada. Acordava às 5:40 da manhã para começar o dia, produzia o café da manhã e levava o cachorrinho para passear antes de começar mais um dia de faxina. Além de trabalhar a semana inteira, nos fins de semana utilizava o dom na cozinha para preparar bolos de pote para gerar uma renda-extra.

Nos tempos livres, corria na praia, passeava com o cachorrinho, caminhava pela areia e juntava conchinhas de vários tamanhos, for-

matos e jeitos e as guardava em casa como uma forma de colecionar. As caminhadas pela região já eram um hábito na vida.

Os trabalhos e a vida com a filha, em uma nova cidade, estavam maravilhosos. Com a menina tinha uma relação de irmãs. Se arrumavam para sair, tiravam fotos, selfies. Confidentes, não era uma relação de cobranças e brigas, mas de parceria e amizade. E com a filha, tinha um sonho de voltar a morar nos Estados Unidos para, juntas, viver uma nova vida.

Em uma conversa por telefone com a irmã, afirmou que estava vivendo os melhores dias da vida. Ela contou para a irmã: “Mana, eu tô muito feliz porque tô morando bem, pago as minhas contas, cuido das minhas coisas. Trabalho para mim não é problema porque vivo onde eu gosto e tô bem e em uma fase maravilhosa da minha vida”.

Em uma quinta-feira, véspera do feriado da Sexta-Feira da Paixão de 2021, fez a faxina que já estava marcada na casa do patrão e depois o ajudou até às 22 horas para fazer as tradicionais tortas capi-xabas e celebrar a data no dia seguinte. Antes de ir embora, tirou um pedaço da torta em uma vasilha e quando chegou em casa entregou para a filha o pedacinho que tinha reservado para ela experimentar um pouco da tradição do Estado.

Longo depois, deitou no sofá e disse que estava muito cansada e que iria trabalhar no outro dia ainda. No dia seguinte, sexta-feira da paixão, acordou no horário habitual e foi levar o pequeno cachorro para passear. Às 6 horas e após percorrer cerca de 200m do trajeto com o mascote, foi baleada pelo ex-marido. Com os ferimentos, ainda conseguiu correr e procurar ajuda em um motel próximo da cena. Porém, Irlane faleceu antes mesmo do Samu chegar ao local.

Ela nunca tinha comemorado o aniversário. Com a ajuda do patrão estava nos preparativos para celebrar pela primeira vez a vida e os 36 anos que chegaria junto com a data. Um mês antes da tão sonhada data, ela se foi e nunca teve a oportunidade de festejar um novo ciclo.

SOBREVIVENTES

Depois do crime, o ex-marido de Irlane fugiu até ser encontrado na cidade próxima da família da vítima, quinze dias depois do ocorrido. Hoje, ele está preso em Rondônia, mas esperam que ele seja julgado em território capixaba. A filha de Irlane vive sob custódia dos avós maternos e, às vezes, durante a noite, sozinha, a filha da Irlane chora com saudade da mãe.

Com lágrimas nos olhos, a irmã mais velha desabafa: “De todas as formas, nós tentamos manter viva a memória dela. A mulher forte, guerreira e destemida que ela sempre foi. Nunca teve medo da vida ou do trabalho. Sempre ousou e sempre teve vontade de ser feliz. Ela sempre procurou ser feliz e, infelizmente, teve a vida ceifada de uma forma tão cruel. Vivemos dia após dia, sobrevivendo, pois a nossa vida acabou”.

Para Sempre, Irlane.

PARA SEMPRE, LAURA (NOME FICTÍCIO)

A entrevista foi realizada virtualmente, pela plataforma Zoom e a vida de Irlane foi contada pela irmã mais velha.

NO DIA 25 DE OUTUBRO DE 1971, em Vitória, nasceu a menina Laura (nome fictício), a única filha de um motorista do banco do Estado e de uma professora da rede pública do Estado. E, em Jardim da Penha, viviam uma vida estável.

Mesmo com empregos simples, os pais tinham um controle financeiro que nunca ocasionou que passassem por problemas financeiros. Oriunda de uma família bem estruturada, os pais, que sempre foram muito controlados quanto a vida financeira, nunca deixaram nada faltar para a filha. O dinheiro que recebiam dava pra viver satisfatoriamente bem. Sem vícios, os pais de Laura não bebiam, não fumavam, não brigavam e dedicavam a vida para cuidar da filha.

Na infância, a prima passava grandes temporadas na casa de Laura devido aos problemas em seu lar e, com a prima, Laura dividia a casa, os brinquedos e o carinho dos pais para que ela sempre se sentisse especial. A mãe de Laura comprava as mesmas coisas para as duas crianças e elas andavam iguais, com as mesmas roupas e penteados, juntas elas iam para a escola. Elas se consideravam irmãs de alma. As primas se separaram um pouco na adolescência devido às rotinas diferentes mas na vida adulta se reencontraram.

Sempre foi muito caseira, mas os pais também seguravam muito as rédeas da filha quando ela decidia que queria sair. Como não gostava muito de sair e adorava passar o tempo em casa. Em escolas particulares, ela cursava os anos obrigatórios para concluir o Ensino Médio e chegou até reprovar em um período letivo. A reprovação adiou por um ano a entrada dela à faculdade que só aconteceu nos seus dezoito anos, quando enfim ingressou no curso de Administração.

Após a graduação, Laura trabalhou nos classificados do jornal A Gazeta. E, tempos depois, abriu uma lojinha de roupas de academia no bairro República.

Um pouco antes de ingressar na faculdade, aos dezoito anos, arrombou um namorado. O relacionamento entre os dois não deu muito certo e eles terminaram. Porém, três anos depois do término com o primeiro namorado, quando já tinha 24 anos de idade, se reencontraram, reataram e por fim, se casaram. Se casaram na Igreja, tiveram uma grande festa e os pais de Laura deram um apartamento para a filha morar com o parceiro. O relacionamento com o primeiro marido durou cerca de oito anos e aos 32 anos de idade, Laura se separou.

No ano de 2006, a mãe descobriu um câncer de mama e nunca mais foi a mesma. A doença foi curada mas ela entrou em uma profunda depressão. Extremamente cuidadosa, Laura cuidava de tudo em relação aos pais, principalmente zelava pela vida da mãe. Além dos pais, tinha o compromisso com sua casa e até a prima não era esquecida.

NOVOS CAMINHOS

Aos 35 anos, decidiu que queria ser professora, assim como a mãe. E, então, começou a cursar pedagogia. Apaixonada pela área, estava feliz em realizar o curso. Um pouco depois que começou os estudos, conheceu um rapaz que trabalhava na Polícia Militar do Espírito Santo. Aos 36 anos de idade, eles se juntaram e decidiram morar juntos. Ele foi morar junto com ela no imóvel próprio de Laura em Jardim da Penha.

Com dois anos de casamento e quase no fim do curso, ela descobriu que estava grávida e gerava uma menina em seu ventre. A gravidez era a realização de um sonho. No fim da segunda graduação, em 2009, a bebê nasceu.

Com o diploma de Pedagogia em mãos, não parou mais. Professora da educação infantil, adorava lidar com crianças e, quando se formou, lecionava em uma escola municipal da Serra na parte da manhã. Já no período vespertino, cuidava da filha e produzia os con-

teúdos das aulas. Fazia artigos para celebração de datas comemorativas, tudo com o maior capricho. Não trabalhava em dois empregos para poder cuidar da filha no outro turno, mas assim que a criança crescesse, tinha os planos de trabalhar em outros horários.

E, do jeito que foi criada, cuidava da filha. Com muito denego, carinho e chamego zelava pela vida da menina. Não faltavam adjetivos para se comunicar com a filha: “meu tesouro e minha princesa”. A filha era o ser humano que ela mais amava no mundo.

Aos 44 anos de idade, Laura descobriu que seria mãe pela segunda vez. Anunciou para toda a família que estava grávida e começou a procurar por um apartamento maior, com três quartos para viver com o marido e as filhas. Encontrou um que a agradou e deu entrada no imóvel, mas, antes mesmo de concluir as fases iniciais da gestação, Laura teve um aborto espontâneo e perdeu o bebê.

No ano seguinte à perda do filho, em 2015, um dos primeiros vislumbres do comportamento agressivo do parceiro veio à tona. A primeira agressão foi quando o marido colocou a arma na boca da esposa e a ameaçou. Com a situação, ela o denunciou na delegacia e na corregedoria, pediu pela medida protetiva e também se separou. Tempos depois, as queixas foram retiradas pela vítima para ele ser promovido a cabo. Além da promoção, o sonho e a vontade de Laura era que a filha crescesse com a presença de um pai e de uma família. Mesmo com avisos e conselhos da família, Laura reatou o casamento e deu uma nova chance.

O comportamento mudou e ele estava sendo novamente um bom parceiro. Nas horas vagas, gostava de passear com a filha, o marido no qual era apaixonada e o pai que adorava ficar na presença da família. Nos fins de semana, iam nos restaurantes, curtiam uma praia ou então, uma piscina.

A mãe de Laura não participava tanto dos eventos em família por conta da depressão que perdeu por um longo período, e, com o avanço da idade da matriarca, em 2016, desenvolveu as doenças de

Alzheimer e Parkinson. A filha cuidava muito da vida da mãe. Com o pai, revezava as idas da mãe nas consultas e nos procedimentos necessários. Além disso, controlava os remédios que eram necessários para a mãe sobreviver com uma lista bem organizada que contava com mais de 20 comprimidos diários.

Nos últimos meses, em 2019, ligava todos os dias para a prima perguntando se ela tinha feito a mamografia e, um dia, quando estava conversando em um restaurante com a prima, a parceira da infância pediu uma cerveja para as duas. Laura já bebia pouco e no dia recusou a oferta e disse que estava tomando uma medicação. A prima logo achou estranho e insistiu no assunto. No estabelecimento, foi até o banheiro e mostrou que estava sem a mama, um sinal evidente do câncer na região, para a prima, que desabou a chorar. Para não preocupar ninguém, escondeu a doença e até o tratamento com radioterapia das pessoas queridas. Os únicos que sabiam eram o pai e o marido que a acompanhavam.

A descoberta do câncer foi em uma mamografia de rotina e não demorou muito desde a remoção da mama para que ela fizesse a operação para colocar uma prótese. Aproveitou a cirurgia, colocou silicone nos dois peitos e ainda aproveitou para ostentar seios maiores.

As agressões voltaram e viraram um hábito. Laura, descobriu sobre a traição do marido, que estava envolvido com uma mulher casada e, nos últimos meses, evitava até visitar a casa dos familiares para não complicar ainda mais sua situação. Entretanto, não dava indícios que estava com problemas no casamento.

Durante o domingo do dia 11 de abril de 2021, Laura passou o dia todo na companhia da filha e, juntas, até fizeram uma torta salgada. O marido saiu cedo para ir ao bar, assistir ao jogo do time do coração que disputava um campeonato importante no mesmo dia.

Era tarde da noite quando ele chegou em casa embriagado e colocou a torta em cima do notebook dela, ela não gostou e reclamou com o parceiro que não era para colocar a comida ali. Assim, come-

çou a discussão. A mãe e a filha estavam com fome, por isso Laura ia preparar ovos para elas comerem. Então, ele chegou próximo dela, com a arma em mãos e ela pediu socorro, ele mandou ela repetir a palavra e ela falou ainda mais alto: Socorro! A filha estava na cozinha e disse: “pai, não faz isso”. E, na frente da filha de 10 anos, ele atirou na testa de Laura que aos 49 anos de idade, caiu já sem vida no chão da cozinha.

Quando aconteceu o disparo, a menina escapou pela porta, conseguiu fugir do prédio e gritava por ajuda aos vizinhos. Os vizinhos que estavam ouvindo a discussão e também o disparo, acionaram a polícia. Quando a polícia chegou no local, ele estava na cena do crime e disse para os PM's que a esposa tinha cometido um suicídio. Os agentes que estavam no local viram que não correspondia com o ato de tirar a própria vida.

SOBREVIVENTES

O assassino de Laura está preso em uma cela especial para policiais infratores e ainda não foi expulso da corporação. O julgamento sobre o crime ainda não aconteceu e, hoje, ele alega insanidade.

Desde a perda da mãe, a filha de Laura vive sob a tutela de um parente próximo em um outro Estado do Brasil. O pai de Laura que vivia na casa da filha, quando soube da notícia teve que ser internado às pressas e não suportando a ausência da filha, morreu um mês depois após o assassinato. A mãe de Laura, que já vivia com depressão, alzheimer e parkinson, veio a óbito quatro meses depois do falecimento da filha.

Para sempre, Laura.

A história de Laura foi contada por um parente próximo e a fonte pediu sigilo nos nomes originais.

PARA SEMPRE, RAÍSSA

O DIA ERA 24 DE JULHO DE 2005, no município de Carriacica, Raíssa chegou ao mundo. A segunda filha de sua mãe e a primeira de seu pai. Após a chegada, outros dois irmãos vieram para completar ainda mais a família. Ela trazia alegria por onde andava. Era doce, divertida, brincalhona e cheia de sorrisos. Era muito especial para todos que a conheciam e iluminava por onde passava. Vivendo a infância na região de Flexal, morava pertinho da casa dos avós paternos e nutria um amor especial por aquele lugarzinho.

O espaço enorme na casa dos avós era o lugar preferido para se divertir. Por isso, vivia na casa deles para curtir o passatempo preferido: brincar. Corria para todos os lados na fazenda do vovô e adorava brincar com os animais, principalmente com as galinhas. Quando criança, chegou a ganhar dois franguinhos do avô e adorava brincar com eles. Até que um dia o avô paterno chegou e perguntou a ela sobre a existência dos bichinhos e ela, com um xingamento, respondeu risonha “udeu” para dizer ao vovô que os bichinhos já eram.

O jeito diferente de proferir as palavras era por conta da língua presa. Entretanto, nunca foi um problema para a família, muito pelo contrário, era uma destreza única que a tornava ainda mais especial. Na fazenda da família, após a avó colocar o gado no curral, cantarolava a música infantil ‘boi da cara-preta’ que, com o seu linguajar, tornava a situação ainda mais divertida sob os olhos da avó.

Um outro amor que nutria era pelos cavalos. Para a felicidade dos netos, os avós compraram dois pôneis e pequenas celas para as crianças brincarem. Carreirinha e Catita eram o nome dos bichinhos que faziam a alegria de Raíssa. Ela cavalgava como se não houvesse amanhã.

Não podia ser diferente, a paixão pelo avô era evidente. Ao escutar a voz do vovô, onde quer que fosse, chorava e corria para os

braços dele para ficar sob seus cuidados. A menina cresceu no bairro Flexal, mas, aos 11 anos, junto dos pais e com os dois irmãos mais novos, foram morar em Vila Velha. Entretanto, as idas ao bairro nunca deixaram de acontecer já que a família ainda morava por lá.

MENINA RAISSA

Muito educada e divertida, adorava dançar e conhecia todas as músicas do momento, principalmente os funks. Vaidosa, estava sempre arrumada, maquiada e com os longos cabelos cacheados bem definidos. O look preferido era short e cropped e chamava a atenção por onde passava.

Sem levar desaforos para a casa, batia de frente com qualquer coisa que não condizia com o que pregava. Uma vez, ao ir em um baile funk da comunidade, um rapaz viu a menina no ambiente e contou para o tio de Raíssa sobre a presença dela na festa. O tio não satisfeito, contou para o pai sobre o ocorrido. Ao chegar em casa e ser pressionada pela família sobre o assunto, nunca esqueceu do momento. Por isso, ao passar pelo rapaz na rua o chamava de ‘fofoqueiro’ ou então dizia: ‘uma hora dessas vai amanhecer com a boca cheia de formiga’.

Tanto é que enquanto a família preparava os ovos recheados para comemorar a páscoa, ao chegar em casa, Raíssa viu o rapaz próximo ao portão e insatisfeita pelo comentário proferido por ele para a família, partiu para cima dele e arrumou uma confusão por conta da fofoca. Mal sabia ela que quem tinha contado era o tio.

ESTUDOS

Estudiosa, chegou até o primeiro ano do ensino médio. Realizava as atividades e contava sempre com a ajuda da avó para produzir os deveres. Juntas, produziam as capas dos trabalhos e todo o demais conteúdo. Além do ensino médio, contou com a ajuda da mãe para realizar um curso de unhas de gel e ganhar o próprio dinheiro. E,

também, no projeto ‘minas da quebrada’, em Flexal, cursou fotografia para fazer fotos das amigas.

Entretanto, desde pequena, o sonho mesmo era se tornar policial militar. E, assim, impor respeito e ‘peitar vagabundo’.

FAMÍLIA

A mãe já tinha uma filha de um antigo relacionamento quando conheceu o pai de Raissa e, quando ela nasceu, os pais moravam juntos. Anos depois de Raissa, nasceram mais dois irmãos para completar ainda mais a família.

Quando a menina tinha 14 anos, os pais se separaram mas não durou mais que cinco meses a disjunção e, logo, eles reataram. Os pais restabeleceram, se casaram e Raissa até entrou como dama de honra.

Uma família unida e no quintal dos avós paternos é onde aconteciam as festas. Todos muito apegados. Eles se juntavam, compravam uma cervejinha e desfrutavam de momentos alegres, divertidos e em família.

Com a mãe, ela dividia todos os momentos da vida. Confidentes, a mãe dela era a amiga que ela não tinha. Ambas sabiam uma da vida da outra. A mãe a protegia, defendia e também evitava conversar com o pai sobre o que acontecia com a filha.

Contudo, o relacionamento com o pai foi um pouco diferente. Ambos ficaram um longo tempo sem conversar, por causa do pai ter brigado com ela quando a viu beijando um colega da escola na rua. E, no último ano, o relacionamento entre pai e filha estava se reconstruindo e ambos estavam voltando a viver harmoniosamente de novo.

Uma outra paixão além dos avós, era pelas tias. Com pouca diferença de idade entre ela e as tias, a conexão era incrível e adoravam passar o tempo juntas. As tias não se preocupavam se o que iam falar fosse magoar ou não, mas tudo que precisava ser dito, era dito. A conexão entre elas encerrou quando a menina começou um relacionamento.

No natal de 2020, ela organizou uma festa em família e com todos reunidos. Piscina, churrasco, cervejinha e muito remelexo. Todos se divertiram e desfrutaram um belo momento em família. Mas, mal sabiam eles que seria o último.

Em janeiro, a primeira tristeza para a família. A morte do tio mais novo deixou todos devastados. E, ao chegar no velório do tio, deu um abraço apertado na avó e pediu perdão para ela. Até hoje, não se sabe pelo o que.

RELACIONAMENTO

Ela, que ainda era menor de idade, começou a se relacionar com o ex namorado que na época tinha 23 anos. Se conheceram nos bailes que aconteciam no bairro Flexal. O relacionamento durou um pouco mais de um ano. Ele, que já não estudava mais e tinha um mandado de prisão, mantinha uma vida a dois com Raissa.

Nas ruas de Flexal, ela vivia sob o perigo. Na garupa da moto do namorado e sem capacete se aventuravam pelas vias do bairro. O visual e o comportamento mudaram e novos vícios chegaram. E, da família, ela se afastou. Os familiares que não enxergavam com bons olhos o relacionamento, viam somente a menina na ausência do namorado.

O relacionamento dos dois era “sob trancos e barrancos” e cheio de idas e vindas. As agressões aconteciam sob o corpo de Raissa e, mesmo assim, ela não aceitava os ataques e proferia golpes da mesma maneira. Com a mãe, ela desabafava sobre a sua situação: “Eu não tô fazendo nada de errado mãe, para ser tratada assim”.

A união com a irmã mais velha se desfez. A irmã que não aceitava o relacionamento, ficou sabendo das agressões proferidas pelo namorado e discutiu com o mesmo sobre a conduta dele. Vendo a situação, Raissa nada fez além de montar na moto do namorado e ir embora. Ambas ficaram um tempo sem conversar depois do ocorrido.

Primeiramente, o casal morou junto na região de Flexal. Com a ilusão dele mudar de vida e arrumar um emprego, se mudaram da primeira casa e foram para Vila Velha. Em Vila Velha, a mãe de Raissa pagou um curso de unha de gel e a mesma se dedicou para entrar no ramo. A geladeira da casa do casal foi um presente dado pela mãe. Nos finais de semana, sobreviviam de lanches e quando Raissa estava em casa sozinha, ia para a casa dos pais e se alimentava até o namorado ir buscar.

No dia 23 de abril de 2021, uma sexta-feira, decidiu acabar com o relacionamento. Saiu da casa onde viviam e foi para a casa de uma amiga. Por isso, recebeu mensagens, áudios e vídeos pelo WhatsApp com ameaças do ex-parceiro. Um dos trechos dos áudios ele dizia: “Você pode ficar longe o tempo que for. Você pode sumir o tempo que for, parceira. Mas uma coisa que vou falar pra você: uma hora eu te acho, Raissa. Uma hora alguém aparece e diz ‘eu vi Raissa em tal bairro, eu vi Raissa em tal lugar”.

Com medo das ameaças, passou a noite na casa de parentes em uma tentativa de se esconder do ex-namorado. Na manhã de sábado, foi para a casa dos pais em Vila Velha. O ex-companheiro a viu entrar na casa, esperou o pai da menina sair para trabalhar, bateu no portão, mostrou uma arma e a obrigou ir junto dele. Com o coração apertado e chorando, ela foi. E, em Vila Prudêncio, na casa do tio, chegaram conversando e o tio foi fazer um miojo. Por três vezes ela apareceu na sacada da varanda. E, então, aos quinze anos, com um único tiro, ele a matou.

Enquanto o tio pedia ajuda aos vizinhos em uma tentativa de salvar a vida de Raissa. O ex pedia ajuda para conseguir fugir.

Com uma breve vida. Para sempre, Raissa.

A entrevista foi realizada presencialmente com a avó de Raissa, na casa da tia da menina.



*Um dia foi Maria Madalena.
Seis meses depois foi Shirley.
Após um semestre é Vivian.
Sete meses a seguir, Luana.
Um mês mais tarde é Jaciara.
No mês seguinte, Irlane.
Em mais uma semana, Laura.
Logo depois de quinze dias, Raissa.
E, na próxima, quem será?*

As violências por conta do gênero são um fenômeno global e inferiorizam as mulheres todos os dias. De acordo com dados divulgados em 2017 pela OMS (Organização Mundial da Saúde), no mundo, 38% das mulheres vítimas de homicídio foram assassinadas por seus parceiros. No âmbito nacional, o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de Femicídio, conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). O site de notícias G1 realizou um estudo com base nos dados oficiais de todos os estados do país e do Distrito Federal que mostrou que a cada sete horas uma mulher é morta no país por conta do gênero.

O estado do Espírito Santo registrou 84 casos de feminicídio entre o ano de 2019 até setembro de 2021, conforme dados divulgados pela Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social.

Todo dia uma mulher vira mais uma estatística de feminicídio. Mas, elas não são só isso. Elas são mães, avós, filhas, amigas e muito mais. Elas não são só estatísticas, todas essas mulheres têm uma vida.

© NATHALIA FERREIRA

ISBN 978-3-16-148410-0



9 783161 484100